**- *A* *PALAVRA, Refletida* ao ritmo Litúrgico -**

*(Ciclo A – Domingo 32 -Tempo Com.)*



 **«SERÃO POUCOS OS “SÁBIOS”?»**

Toda a gente quer “saber mais”, todos procuram a sabedoria, o conhecimento, a cultura… Mas para conseguir o quê? Talvez um *status* melhor, de nível superior, se possível no topo de todas as categorias…?

Será que a *Sabedoria* bíblica é desse género e avança nessa direção, com essas ambições? Parece que, ao invés, a Sabedoria que a Bíblia “persegue”, desde muito antigo, vai por outros caminhos, tem outros sentidos e sinónimos. Sabemos que, logo à partida, esta Sabedoria tem duas “conceções” na tradição bíblica: uma, nascida do *bom senso* e da experiência, é como que uma qualidade natural do homem e se desenvolve pela educação; a outra, é considerada como um atributo próprio da divindade, que só é comunicada, por graça, a “alguns homens privilegiados”... O Novo Testamento bíblico assume ambas as duas conceções, embora dá valor e exalta esta *sabedoria* só na medida em que for orientada para um valor moral e religioso…

A Palavra de hoje, por seu lado, já desde o próprio *Livro da Sabedoria*, introduz-nos num sentido que logo o Evangelho irá “representar em parábola” e especificar em *valores*… Essa *primeira Leitura* de que falamos, começa por apresentar uma das suas qualidades essenciais, ao dizer que *“a Sabedoria é luminosa e o seu brilho é inalterável”*. Logo a seguir começa a conferir-lhe uma espécie de «personalidade» ao afirmar que *“se deixa ver facilmente por aqueles que a amam e sai ao encontro dos que a procuram, antecipando-se para se dar a conhecer aos que a desejam”.* E uma vez “personificada” – diríamos “endeusada” – acabará proclamando que ela própria, a Sabedoria, *“procura por toda a parte os que são dignos dela: aparece-lhes nos caminhos, cheia de benevolência, e vem ao seu encontro em todos os seus pensamentos”*, porque *“meditar acerca dela é prudência consumada”. (Sb 6 / 1ª L.).*

Cada um poderá interpretar como entender esta “sabedoria” e transferi-la para a sua vida como achar melhor… mas o Evangelho de Jesus é bem preciso e terminante, ao “(re)presentar” a «parábola das virgens». E se temos em atenção que está inserida num conjunto de parábolas e doutrina acerca da *vigilância* perante futuros acontecimentos inesperados que aí vêm, descobre-se, como algo evidente, o sentido de «prudência» e de «estado de vigília» que aqui vai tomar essa *sabedoria*. Jesus contrapõe, logo de início, a *prudência* à *insensatez*. Daquelas *dez virgens*, a representar o *Reino dos Céus*, *“cinco eram insensatas e cinco eram prudentes”*. E como sabemos, *só as prudentes* – porque estavam *em vigília* – se encontraram com “o esposo” e puderam entrar no banquete do Reino. As outras virgens, *insensatas* ou *néscias*, não é que tivessem mais ou menos culpa que as primeiras, senão que, pura e simplesmente, eram *desconhecidas* para o esposo («Não vos conheço»). Como é terrível sermos “desconhecidos” para Alguém importante!... Daí a relevância da conclusão de Jesus: *“Portanto, vigiai, porque não sabeis o dia nem a hora”. (Mt 25 / 3ª L.).*

E Paulo, como é seu costume, ao escrever nesta ocasião aos cristãos de Tessalónica, apresenta-nos um outro sinónimo da Sabedoria, que é a “esperança cristã”, e a contrapõe à tristeza ou angústia perante o pensamento da morte: *“Não queremos, irmãos, deixar-vos na ignorância a respeito dos defuntos, para não vos contristardes como os outros, que não têm esperança”*. Sendo assim, *a Palavra* divina – através das palavras escritas de Paulo – traz o consolo e o conforto aos que esperam a salvação, pela morte e Ressurreição de Cristo Jesus. *“Consolai-vos uns aos outros com estas palavras”. (1 Ts 4 / 2ª L.).*

Dizia um poeta: «Poucos são os sábios que no mundo foram». E embora não saibamos exatamente o que ele queria significar com o termo “sábios”, se for o sentido que *a Palavra* dá aos que se deixam guiar e possuir pela *sabedoria bíblica e cristã*, então não podemos deixar de optar e apostar nesses “sábios”, para que, esses *poucos,* sejam muitos mais, imensamente mais, um *“número que ninguém poderá contar”*!

A minha alma tem sede de Ti, ó meu Deus:

tem sede dessa *“Sabedoria luminosa,*

*cujo brilho e fulgor é inalterável”*…

Sabedoria pela qual eu anseio e suspiro

como terra árida, sequiosa, sem água.

Sabedoria que é *prudência* e é *vigilância,*

que é também *esperança* cristã…

Sabedoria que Tu dás precisamente *de graça*,

porque a Tua *graça* vale mais do que a vida.

Assim eu Te procuro desde antes da aurora,

porque sei que a Tua Sabedoria, Senhor,

*“está à minha espera antes do amanhecer”*.

Assim quero contemplar-Te desde muito cedo

no lugar de oração que é o Teu santuário:

onde com vozes de júbilo Te louvarei

e levantarei sempre as minhas mãos

para exultar à sombra das Tuas asas!

Aí a Tua Sabedoria será o meu alimento:

serei saciado com saborosos manjares

no banquete das *bodas eternas* do Reino.

[ do Salmo Responsorial / 62 (63) ]